

Meditação do dia
Comentário sobre Lc 24, 15-35

Sábado 20/07

Lc 24, 33-35: *Partiram sem demora e voltaram para Jerusalém, onde encontraram reunidos os Onze e os outros que estavam com eles, dizendo: "Verdadeiramente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão". E contaram o que tinha acontecido no caminho, e como o reconheceram na fração do pão.*

Comentário

Chegamos à última sequência da passagem do Evangelho de Lucas: os discípulos partem imediatamente para voltar a Jerusalém, relatar aos Onze o que aconteceu e descobrir que Jesus também lhes apareceu na cidade.

Podemos ver que mesmo nesta última etapa a história apresenta uma encruzilhada e poderia ter finais alternativos e isso depende, novamente, do que os dois discípulos decidirem:

1. os discípulos podem decidir esperar, não considerando urgente a viagem a Jerusalém;
2. os discípulos podem decidir não ir a Jerusalém, guardando assim a notícia da ressurreição para si mesmos.

Como já vimos nas sequências anteriores, mesmo neste último caso os discípulos fazem a escolha mais criativa: ir a Jerusalém lhes permite experimentar a notícia da ressurreição não apenas como uma alegria pessoal, mas como uma força vital que reanima a comunidade, aquela comunidade que corria o risco de ser extinta e da qual agora podem voltar a se sentir parte viva como arautos de Jesus ressuscitado.

Notamos um aspecto importante: os discípulos não são enviados à cidade por ordem de Jesus, mas agem por vontade própria, sentindo em seus corações a urgência dela. Jesus não diz faça isso e aquilo, não; o que ele explicou nas Escrituras e a experiência eucarística vivida em conjunto transformou os discípulos e os pôs em movimento, sem a necessidade de ordens ou comandos.

Eles são livres e fazem o que fazem porque querem, porque sentem algo que é urgente dentro deles, não porque são ordenados a fazê-lo de fora.

Esta é uma daquelas passagens do Evangelho em que se dá grande ênfase à liberdade, e é uma coisa bonita, acho comovente.

Nós também podemos sair do desejo, porque sentimos algo urgente dentro de nós. A Eucaristia termina com as palavras: *A Missa acabou, vá em paz* ou, nos domingos de Páscoa, *vá levar a alegria do Senhor ressuscitado a todos*. Podemos interpretá-los como: vá em missão (Nouwen). E não é que você tenha que ter uma missão específica para cumprir, você só tem que voltar para sua vida diária sentindo que está em uma missão.

"Esquecemos que não é que a vida *tem* uma missão, mas que *é* uma missão" (Xavier Zubiri, em GE 28).



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Gosto de usar a imagem do canteiro de obras: compromisso cristão como obra em canteiro de obras. O reino de Deus é um canteiro de obras em ação sob nossa casa. Somos seus trabalhadores.

Escolher uma missão significa escolher a própria identidade.

Por um lado, há a possibilidade de rejeitar a responsabilidade, por outro, de assumi-la e, por outro, há a indecisão, a procrastinação.

Que identidade escolhem os dois discípulos de Emaús querer?

Eles retornam a Jerusalém, onde Jesus havia sido executado como criminoso alguns dias antes. O que significava ir para aquela cidade da qual eles haviam se afastado?

Significava embarcar de novo na aventura muito perigosa e magnífica para a qual Jesus os havia chamado.

Sem pensar duas vezes, saíram e foram levar o anúncio a Jerusalém, reuniram-se com a comunidade, sentindo que tinham uma contribuição tão importante a dar que valia a pena arriscar até ser preso como Jesus.

As duas alternativas entre ir ou não a Jerusalém nos fazem refletir sobre o que realmente é o pecado.

Uma leitura religiosa que vê Deus como um monarca que quer nossa obediência do alto, interpreta o pecado como "recusar a fidelidade ao Soberano". Mas a liberdade deixada por Jesus àqueles que o seguem nos faz entender que o pecado é outra coisa: é "recusar-se a assumir a responsabilidade de nutrir, amar... É o desejo de se separar dos outros como se você não precisasse deles ou eles não precisassem de você" (McFague).

O movimento geral de toda a passagem de Lucas que lemos nestes cinco dias vai do ressentimento e do sentimento de perda, da raiva, do medo e da depressão à gratidão pelo espanto; Isso leva a um desejo de reconectar a comunidade e de se engajar.

Essa transformação, graças ao encontro com Jesus, se deu nos discípulos no centro de uma perda, em um momento muito difícil de suas vidas, quando o chão estava faltando debaixo de seus pés, quando eles se deram respostas completamente erradas, tomaram uma direção errada e ficaram cegos.

Isso nos assegura que essa força de fé, capaz de reacender nossa vontade e capacidade de sermos úteis ao mundo, não é condição de momentos idílicos, não precisamos esperar para nos sentirmos "à vontade" com Deus, seguros, sem dúvida, quando tudo está indo bem.

"Na verdade, é essa maneira de ver as coisas que nos mantém infelizes... Neste exato momento, no exato momento em que nos falta o chão sob nossos pés, a semente da atenção àqueles que precisam de nossa ajuda e da descoberta de nossa bondade cria raízes" (Chödrön).

O desejo dos discípulos de voltar a Jerusalém, de voltar ao centro do violento conflito entre o poder político-religioso e Jesus, destaca o valor social da fé, o desejo de "mudar o mundo" que Jesus acende em nós. E o Papa Francisco escreveu uma bela página sobre isso na *Evangelii Gaudium*, que tenho o prazer de vos propor:

"Lendo as Escrituras, fica claro que a proposta do Evangelho não consiste apenas em um relacionamento pessoal com Deus.

Nossa resposta de amor também não deve ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais para com algum indivíduo necessitado, que poderiam constituir uma espécie de "caridade *à la carte*", uma série de ações destinadas apenas a acalmar a consciência.

A proposta *é o Reino de Deus* (Lc 4, 43), trata-se de amar a Deus que reina no mundo.

Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, justiça, paz e dignidade para todos.

Portanto, tanto o anúncio quanto a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais [...].

A verdadeira esperança cristã, que busca o Reino escatológico, gera sempre história.

Por conseguinte, ninguém pode exigir de nós que relegemos a religião à intimidade secreta das pessoas, sem qualquer influência na vida social e nacional, sem preocupação com a saúde das instituições da sociedade civil.

"Uma fé autêntica - que nunca é confortável e individualista - implica sempre um desejo profundo de mudar o mundo, de transmitir valores, de deixar algo melhor depois da nossa passagem na terra".

Espero-vos, de todo o coração, que possais dar o vosso contributo para esta mudança do mundo, e fazê-lo com alegria, mesmo que nas inevitáveis dificuldades.

Desejo que vocês possam atuar em seu próprio território missionário, dando o melhor de si, porque cada um de vocês é único, especial e ninguém pode se colocar no seu lugar, ninguém pode trazer o que você pode trazer, com seus talentos que pertencem apenas a vocês.

Há muitos caminhos que podem ser seguidos. O Papa Francisco indica algumas das prioridades: a construção da paz, a luta pela erradicação da pobreza, a proteção do meio ambiente do qual dependemos.

Por onde começar?

Creio que a história dos discípulos de Emaús pode nos fornecer indicações muito úteis para nossos desafios de hoje. Luca conta que os dois vivem uma experiência de reversão de seus julgamentos e abertura dos olhos.

Nas palavras de hoje, podemos dizer que, em vez de remoer as notícias e sermos manipulados por narrativas distorcidas da realidade, podemos buscar a verdade. Podemos ouvir as boas novas de Jesus que não chama ninguém de inimigo e está do lado dos pobres, dos oprimidos, dos rejeitados.

Podemos trabalhar em nós mesmos e ajudar os outros a "criar uma nova mentalidade que pense em termos de comunidade, de priorizar a vida de todos em detrimento da apropriação de bens por poucos" (EG).

No fim das contas, é tudo sobre isso: focar as lentes da nossa vida nas coisas que importam e não nos distrair com as insignificantes. Você perde energia e tempo em coisas como: tentar obter mais dinheiro, tentar aparecer, fazer compras, olhar para o smartphone a cada minuto, viver uma vida centrada em si mesmo... É uma hemorragia de tempo precioso, que nos distrai das coisas importantes e rouba o tempo de nossas vidas, que se foi para sempre. Você corre o risco de chegar ao fim da vida cheio de arrependimentos pelo que não foi capaz de fazer.



"Não é que nos deem uma vida curta, é que jogamos fora grande parte dela. Somos nós que o tornamos curto, perdendo tempo. A vida é longa o suficiente e recebemos uma quantia generosa o suficiente para alcançar os maiores resultados se tudo fosse bem investido... A vida é longa se você a usar bem" (L. A. Sêneca, *Sobre a Brevidade da Vida*).

Se tivermos um objetivo claro, podemos escolher nossa aventura em cada encruzilhada da vida, ir para Jerusalém em vez de parar em Emaús e, assim, não perder nosso tempo.

Desde cedo, a partir de escolhas decisivas como: que estudos e trabalhos quero empreender, e depois, ao longo da vida, a cada pequena ou grande escolha, cada pessoa deve se perguntar a cada encruzilhada: se eu seguir por esse caminho, vou melhorar um pouco o mundo? Vou trazer um pouco mais de amor, carinho, carinho? Haverá mais saúde, mais educação, mais justiça, mais

cultura? Vou acrescentar um pouco de beleza e alegria? O ambiente natural em que vivo estará em melhores condições?

Se a resposta for sim, posso confiar que este é o caminho certo.

Os dois de Emaús, fossem eles um casal ou dois amigos, sentiram a urgência de apontar as lentes de sua vida para as coisas que importam. E escolheram viver a sua fé não apenas numa dimensão íntima: saíram de casa e partiram.

Um teólogo lembrou que "as religiões morrem quando sua luz falha; ou seja, quando seus ensinamentos não iluminam mais a vida real de seus seguidores... Onde as pessoas experimentam que Deus ainda tem algo a dizer, as luzes permanecem acesas" (Johnson).

Os discípulos sentiram suas vidas reacendidas no encontro com Jesus, entenderam que faziam parte de uma grande história em que Deus dá aos homens a força para criar um mundo diferente deste, um mundo como a vontade de Deus quer.

Lucas diz-nos desde o início do seu Evangelho o que é este novo mundo. Do último capítulo em que nos encontramos agora, voltemos ao primeiro capítulo e encontremos as palavras de Maria no *Magnificat*, uma canção que tem valor não só espiritual, mas também social: derrubar os poderosos de seus tronos e levantar os humildes, encher os famintos de bens e mandar os ricos de volta de mãos vazias... (Lc 1, 52-53).

É um hino que desencadeia todo o poder libertador da mensagem evangélica para com os últimos, as «grandes coisas» que Deus opera (Lc 1, 49).

Hoje temos uma enorme necessidade de ressuscitar os grandes ideais, a começar pela paz, o que significa a abolição da guerra de uma vez por todas, e suas raízes que se encontram em um sistema econômico doente que *precisa* de guerras.

Nestes dias ouvimos palavras do Evangelho que nos fazem testemunhas de esperança. Num clima de pessimismo e resignação generalizados, vêm dizer-nos que "a morte não é a última palavra, a nova energia da ressurreição está a passar hoje; O galho, que parecia estéril e encolhido, amolece.

Portanto, deixe a emoção da ressurreição entrar e habitar em você.

E que ele vença e libere em vocês as energias de uma nova resistência ao mal; livre, liberte em ti toda a autenticidade da tua vida" (Casati).



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



No final do nosso caminho juntos, faço votos por que todos sejamos cada vez mais instrumentos nas mãos de Deus para estas "grandes coisas". E gostaria de terminar com uma bela oração do Padre Giovanni Vannucci, servo de Maria e místico contemporâneo. Uma oração com a qual pedimos forças para superar nossas crises, para seguir em frente mesmo quando nos falta o chão sob nossos pés, mantendo viva a certeza de que Jesus está nos esperando ao virar da esquina, para se juntar a nós no caminho.

Uma oração que nos faz sentir unidos, nos faz experimentar a força do bem que circula entre nós, o Espírito de Deus que nos ama.

Uma oração que nos encoraja a viver a nossa vida como uma missão, como pessoas corajosas que não têm medo de ir contra a maré, que não se resignam ao mundo como ele é, que ousam relançar os maiores ideais.

Porque se Jesus ressuscitou, significa que o amor, a paz, a liberdade, a justiça não podem morrer, eles sempre ressuscitarão com Ele.

"Peço um olhar para as estrelas, esse espírito saudável de utopia que nos leva a reunir energia para um mundo melhor (Francisco, *A Sabedoria do Tempo*).

Abraço a todos com muito carinho.

Marina Marcolini

Passa Seu Espírito, de Giovanni Vannucci

*Que o teu Espírito, ó Senhor, passe como a brisa da primavera
Isso faz a vida florescer e abre o amor.*

*Você passa seu Espírito como o
furacão,
isso desencadeia uma força
desconhecida e levanta energias
adormecidas.*

*Que o seu Espírito passe em nosso olhar
para levá-lo a horizontes cada vez mais
amplos.*

*Entre em nossos corações para fazê-lo arder com um ardor ganancioso para
irradiar.*

*Que o seu Espírito passe sobre os nossos rostos tristes
para fazer você sorrir novamente.*

*Passos em nossas mãos cansadas
para reanimá-los e alegremente colocá-los de volta ao trabalho.*

*Que o teu Espírito passe sobre nós [...].
e permaneça ao longo de nossas vidas para
expandi-lo~
e dê-lhe suas dimensões divinas.*



TORINO 2024

13° raduno
internazionale



Amém.

